

O comportamento da primeira pessoa do plural no falar culto e no falar popular de Fortaleza-CE: uma análise variacionista

Marden Alyson Matos de Araujo

Doutorando em Linguística

Universidade Federal do Ceará (UFC)

E-mail: mardenalyson@gmail.com

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1290-7510>

Revista Falange Miúda

ISSN 2525-5169

Periodicidade:

Fluxo contínuo

Volume 7

Número 2

Resumo

O presente estudo, partindo do arcabouço teórico metodológico utilizado pela Teoria da Variação e da Mudança Linguística, delineado por Weinreich, Labov e Herzog (1968) e por Labov (1997, 2001, 2003), objetiva analisar a variação pronominal de primeira pessoa do plural, *nós* e *a gente*, no falar popular e no falar culto de Fortaleza-CE. Para tanto, utilizamos uma amostra composta por 18 informantes provenientes do banco de dados Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR), estratificados de acordo com o sexo/gênero, a faixa etária e a escolaridade; e de outros 18 informantes oriundos do Projeto Português Oral Culto de Fortaleza (PORCUFORT), sendo esses socialmente estratificados de acordo com o sexo/gênero e a faixa etária. Com o auxílio do programa computacional GoldVarb X, analisamos 999 ocorrências de *nós* e *a gente* na fala popular; e 607 ocorrências dessas variantes na fala culta dos fortalezenses. Com esse total, verificamos que a variante *a gente* é utilizada com mais frequência que a forma padrão *nós*, tanto na fala popular (65,8% e 34,2%, respectivamente), quanto na fala culta (68,4% e 31,6%). Além disso, constatamos que os fatores mais relevantes que condicionam o uso da variante não padrão em nossa amostra foram a referência do pronome (sentido genérico) e a faixa etária (mais jovens).

Palavras-chave:

Variação; Pronomes *nós*/ *a gente*; Norma popular; Norma Culta.

1 Introdução

Em nossa vida cotidiana, o uso da linguagem está presente em todos os lugares, seja ao ir a um supermercado e dialogar com um operador de caixa ou a um Shopping Center e conversar com alguns amigos sobre nossas vidas. Nesses diálogos, assim como ocorre em qualquer língua natural, recorreremos a alguns fenômenos linguísticos que estão presentes ao usarmos a língua “constantemente no dia-a-dia, e que às vezes passam despercebidos em nossa rotina” (JUNIOR & OLIVEIRA, 2014, p. 100). Dentre esses fenômenos, está a variação pronominal de primeira pessoa do plural *nós* e *a gente*, fenômeno esse que, à primeira vista, pode parecer simples, mas que guarda uma complexidade que o coloca como foco desse estudo.

A partir da necessidade de compreender como a língua se caracteriza social e linguisticamente, especialmente em relação à fenômenos variáveis, o uso alternado de *nós* e *a gente* tem sido estudado com frequência em diversas pesquisas sobre o português brasileiro, conforme comprovam os estudos de Lopes (1999), Seara (2000), Zilles (2005), Tamanine (2002, 2010), Vianna (2006), Tavares (2014), entre outros.

Assim, o presente estudo tem o objetivo de analisar como os fatores linguísticos e sociais exercem influência sobre o uso de determinada forma pronominal. Para tanto, nos sustentaremos nos pressupostos básicos da Teoria da Variação e da Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]). Os precursores dessa área estabelecem a relação entre o social e o linguístico, aspecto primordial em sua pesquisa.

Dessa forma, fatores que podem ser internos ou externos à língua, de acordo com a sociolinguística variacionista, influenciam diretamente o processo de variação linguística. Com isso, essa concepção de se fazer linguística propõe uma nova abordagem, em que se deixa de lado o estudo da língua como entidade abstrata, homogênea e ideal, como era proposta por Saussure (1999 [1916]) e Comsky (1957), e preocupa-se com o estudo da língua real, em uso, na vida diária dentro da comunidade de fala, como objeto concreto, o que antes foi desprezado pelos linguistas estruturalistas e gerativistas:

Existe uma crescente percepção de que a base do conhecimento intersubjetivo na linguística tem de ser encontrada na fala – a língua tal como usada na vida diária por membros da ordem social, este veículo de comunicação com que as pessoas discutem com seus cônjuges, brincam com seus amigos e ludibriam seus inimigos. (LABOV, 2008 [1972], p. 13)

Desta forma, para realizar esse estudo, utilizamos amostras de fala advindas do Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR) e do Projeto Português Oral Culto de Fortaleza (PORCUFORT), como mostra os excertos 1 e 2:

(1) Inf. 1: a minha vida é totalmente diferente da R. e *nós* duas somos assim boas amigas boas amigas mesmo
(Inq. 74 – NORPOFOR)

(2) Inf. 1: *a gente* vai dividir um pouco em sala pra falar sobre o nosso {paPE::L
(Inq. 07 - PORCUFORT).

Com o objetivo de facilitar a abordagem dos conteúdos aqui tratados, dividimos esse artigo em quatro seções além dessa Introdução. Com isso, na seção de *Fundamentação teórica*, trataremos dos postulados básicos da teoria variacionista, apresentando resumidamente alguns trabalhos já realizados sobre a variação *nós* e *a gente*. Na seção destinada à *Metodologia*, apresentaremos os aspectos metodológicos que percorremos para realização deste estudo. Na seção *Apresentação e discussão dos resultados*, trataremos dos resultados dessa pesquisa com as respectivas discussões pertinentes para a compreensão dos resultados. Por fim, na seção das *Considerações finais*, apresentaremos brevemente algumas explicações sobre a conclusão desta pesquisa.

2. Fundamentação teórica

Ao pensar o fenômeno linguístico em sua complexidade, Weinreich, Labov e Herzog (2006) e Labov (2008) reconhecem sua natureza essencialmente heterogênea. De maneira mais precisa, Weinreich, Labov e Herzog (2006, p.97) explicam que a língua comporta não apenas regras categóricas — que não permitem variação — mas também, e certamente em maior número, as chamadas regras variáveis com suas formas variantes, as quais “oferecem meios alternativos de dizer a ‘mesma coisa’: ou seja, para cada enunciado em *A* existe um enunciado em *B* que oferece a mesma informação referencial [...]”.

Além disso, os estudiosos postulam que a análise dos muitos fenômenos variáveis deve ser feita sempre com base na linguagem em uso e não a partir de abstrações da língua, tal como faziam estruturalistas (SAUSSURE, 2012) e

gerativistas (CHOMSKY, 1957), no século passado. De igual modo, as explicações para a existência de variantes linguísticas coocorrendo em um determinado fenômeno de variação, como no caso do *nós* e *a gente*, por exemplo, devem ser buscadas não apenas nas regras da língua enquanto sistema, mas também em fatores de ordem externa à língua.

Esses e outros postulados constituem a base do pensamento sociolinguístico surgido e perpetuado a partir de meados da década de 1960. Hoje, podemos dizer que a Sociolinguística figura como um dos campos de abordagem do fenômeno linguístico mais frutíferos no cenário dos estudos da linguagem. No que concerne à análise da variação entre *nós* e *a gente* com base nos postulados da Sociolinguística, sabemos que podemos contar, dentre outras, com as pesquisas de Omena (1996), Maia (2003), Fernandes (2004).

Omena (1996) estudou a variação entre *nós* e *a gente* em amostra de fala extraída do Projeto Censo Linguístico do Rio de Janeiro. Em linhas gerais, foram ouvidos 48 informantes estratificados segundo o sexo, a faixa etária e o nível de escolaridade. Com base na fala dos sujeitos selecionados para a pesquisa, Omena (1996) analisou as variantes que desempenharam a função de sujeito, pois, segundo a autora, é nessa função sintática que formas pronominais são mais comuns. Em um total de 976 dados, 78% das ocorrências foram para *a gente* e 22%, para o pronome *nós*. Omena (1996) constatou que, na amostra estudada, os falantes mais jovens (87%) preferem usar a forma *a gente*, ao contrário dos mais velhos (13%). Além disso, os falantes menos escolarizados preferem usar o pronome *nós* (64%), sendo que o mesmo ocorre com os homens (56%).

Maia (2003) estudou a alternância entre *nós* e *a gente* no falar de Belo Horizonte. Os informantes foram estratificados segundo a faixa etária, o grau de escolaridade e o sexo. Além desses grupos de fatores externos, foram controlados grupos de fatores de natureza interna, a saber: realização fonológica da desinência de número e pessoa, tempo verbal, preenchimento do sujeito e grau de referência. Ao todo, foram localizadas 672 ocorrências do fenômeno em foco, sendo que a forma *a gente* apresentou 359 ocorrências (53%) e, a forma *nós*, 313 ocorrências (47%). Além disso, Maia (2003) constatou que, para a amostra de seu estudo, apenas fatores sociais se amostraram pertinentes. De modo mais preciso, Maia (2003) verificou que as mulheres usam, com maior frequência, a forma *a gente* (68%), assim com os

falantes mais escolarizados (57%). No que diz respeito à faixa etária, os mais jovens tendem a usar mais a forma *a gente* (69%).

Além dos trabalhos de Omena (1996) e Maia (2003), temos notícias da pesquisa de Fernandes (2004) que estudou a variação entre *nós* e *a gente* no falar de João Pessoa, com base em uma amostra constituída por 60 informantes extraídos do Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba (VALPB). Os falantes foram estratificados de acordo com a faixa etária, o grau de escolaridade e o sexo. De modo geral, Fernandes (2004) compreende que há um revezamento entre *nós* e *a gente*, embora esta última variante seja mais utilizada que a primeira. Além da faixa etária, escolarização e sexo, foram testadas as variáveis intralinguísticas função sintática, referência do pronome, tipo de discurso, estrutura verbal, posição do pronome e tempo verbal. Ao todo, Fernandes (2004) localizou 2.739 ocorrências de *nós* e *a gente*. Do número total de dados, a autora verificou que a forma *a gente* compreende 79% dos dados e que o pronome *nós* corresponde 21% dos dados do seu estudo. De igual maneira, a autora observou que favorecem a aplicação do *a gente* os grupos de fatores: faixa etária (mais jovens, 0,69), escolaridade (mais escolarizados, 0,51), referência do sujeito (referência específica, 0,70) e tempo verbal (pretérito imperfeito, 0,68).

Dentre os muitos achados das pesquisas comentadas, ainda que muito brevemente nesta seção, destacamos que elas comprovam por meio de dados empíricos – tal como propõe a Sociolinguística variacionista – a sistematicidade da variação entre *nós* e *a gente* em diferentes variedades de fala do Brasil. Esse aspecto é de suma importância para a compreensão da realidade sociolinguística de nossa língua, pois nos permite perceber seu caráter heterogêneo e sistemático.

3. Metodologia

3.1 O *corpus* e a amostra

A nossa amostra foi extraída dos projetos Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (doravante, NORPOFOR) e Português Oral Culto de Fortaleza (doravante, PORCUFORT) idealizados com o objetivo de constituir bancos de dados representativos do falar popular e culto dos fortalezenses e de serem fonte de dados para pesquisas descritivas do português usado na capital cearense.

Seguindo os pressupostos estabelecidos por Labov (1972) quanto ao rigor da seleção dos informantes e da gravação das entrevistas, o NORPOFOR conta com 198 informantes, todos fortalezenses natos ou que vieram morar na cidade com, no máximo, cinco anos de idade, filhos de pais cearenses e que nunca se ausentaram da capital por um período superior a dois anos. Desta forma, a seleção de informantes com esse perfil tem “o objetivo de neutralizar a interferência dos falares de outras regiões” (ARAÚJO, 2011 p. 838).

Quanto a estratificação, o NORPOFOR faz uso das seguintes variáveis sociais: sexo (homens e mulheres); faixa etária (I: 15 a 25 anos, II: 26 a 49 anos e III: a partir dos 50 anos); escolaridade (A: 0 a 4 anos, B: 5 a 8 anos, e C: 9 a 11 anos); e tipo de registro (Diálogo entre Dois Informantes: D2, Diálogo entre Informante e Documentador: DID, e Elocução Formal: EF).

Já em relação ao PORCUFORT, o projeto é composto por gravações em áudio de 73 informantes, estratificados de acordo com sexo (homem e mulher), faixa etária (I - 22 a 35 anos, II - 36 a 55 anos e III - 55 anos em diante) e tipo de registro (Diálogo entre Informante e Documentador- DID, Diálogos entre dois Informantes – D2 e Elocuções Formais – EF) e, atualmente, está totalmente transcrito e digitalizado, disponível para realizações de pesquisas sociolinguísticas (ARAÚJO, 2000).

Para nossa amostra, selecionamos 36 informantes, sendo 18 deles advindos do NORPOFOR e outros 18 extraídos do projeto PORCUFORT, distribuídos igualmente entre as variáveis estratificadas, conforme a divisão feita no *corpus*, de modo que em cada célula de nossa amostra comportasse três informantes. No entanto, para tornas as análises mais didáticas e simétricas, decidimos por alterar as faixas etárias de nossa amostra de fala popular, de modo a igualar a estratificação da nossa amostra dos dois *corpora*. De modo a ter uma visualização completa da distribuição por célula dos informantes da nossa amostra, segue o quadro 1:

Quadro 1 – Distribuição dos informantes nas amostras do PORCUFORT Fase I, década de 1990 e Fase II, final da década de 2010

	NORPOFOR		PORCUFORT	
	Sexo		Sexo	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Faixa etária				
I (22 a 35 anos)	3	3	3	3
II (36 a 55 anos)	3	3	3	3
III (56 anos ou mais)	3	3	3	3
Total	9	9	9	9
Total geral	18		18	
	36			

Quanto ao tipo de registro, optamos por escolher inquéritos do tipo D2, pois este apresenta a fala mais usual possível “já que, neste tipo de inquérito, os informantes, necessariamente, são familiares ou amigos” (ARAÚJO, 2011, p. 842) e, com isso, as falas ocorrem de forma mais natural e espontânea. Além disso, para as gravações dos inquéritos do tipo D2, foi utilizado o método da narrativa de experiências pessoais, logo, de acordo com a Araújo (2011), “o informante se envolvia, emocionalmente, com o conteúdo narrado, despreocupando-se com a forma como falava”, o que resolveria, parcialmente, o paradoxo do observador (LABOV, 2008, p. 244) que consiste em “observar como as pessoas falam quando não estão sendo observadas”.

3.2 As variáveis

3.2.1 Variável dependente

Como variável dependente, temos a variação pronominal de primeira pessoa do plural. Com isso, temos duas variantes - *nós* e *a gente* - em todas as funções sintáticas, para verificar quais condicionamentos atuam sobre a forma *a gente*, como fizeram outros autores (MENON, 1995; OMENA e BRAGA, 1996; OMENA, 1996a, 1996b), ao abordarem este tema. Assim, a nossa regra de aplicação será sempre o pronome *a gente*.

2.2.2 Variáveis independentes

Chamamos de variáveis independentes os grupos de fatores sob os quais não há relação de dependência com outro fator, mas que atuam diretamente na realização de uma variante. Assim, as variáveis independentes podem ter “natureza interna ou externa à língua e podem exercer pressão sobre os usos, aumentando ou diminuindo sua frequência de ocorrência” (MOLLICA, 2004, p. 11). Em outras palavras, trata-se dos fatores linguísticos e extralinguísticos (ou sociais) que podem interferir no fenômeno variável.

Em relação as variáveis linguísticas, controlamos nove fatores: a) função sintática (sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicativo do sujeito, adjunto, frase sem verbo, impossível saber a função sintática); b) Preenchimento do pronome (pronome preenchido e pronome nulo); c) tempo verbal (presente do indicativo, pretérito perfeito do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo, futuro do indicativo,

presente do subjuntivo, pretérito imperfeito do subjuntivo, futuro do subjuntivo); d) Marca morfêmica (*nós* + verbo na 1ª p. do plural, *a gente* + 1ª pessoa do plural, *nós* + 3ª pessoa do singular e *a gente* + 3ª pessoa do singular); e) referência do pronome (*nós/a gente* no sentido geral e *nós/a gente* no sentido específico); f) tipo de verbo (*dicendi*, epistêmico, estado, ação, verbo ter e sem verbo); g) estrutura do verbo (verbo simples e verbo composto); h) posição do sujeito em relação ao verbo (antes do verbo, depois do verbo); i) paralelismo formal (manutenção do pronome e quebra de paralelismo).

No que diz respeito às variáveis sociais, analisamos: a) faixa etária (I - 22 a 25 anos; II- 56 a 55 anos; III - a partir de 56); b) sexo (masculino e feminino); e c) grau de simetria entre os interlocutores (muito simétrico, totalmente assimétrico, parcialmente simétrico e parcialmente assimétrico).

Vale ressaltar que a escolha dessas variáveis para a realização da pesquisa foi sustentada no levantamento bibliográfico bastante fértil sobre a variação *nós/a gente*.

3.3 Ferramenta estatística

Para a análise, submetemos os dados levantados ao programa computacional GoldVarb X. Esse programa, desenvolvido para auxiliar a análise dos dados do linguista, especialmente para aqueles que trabalham com dados quantitativos, tem sido amplamente usado no campo da sociolinguística variacionista, pois o programa opera com grande número de dados, permitindo o cruzamento dos mesmos, para indicar os fatores mais relevantes de condicionamento na ocorrência da variação, com o objetivo de “tornar manejável a tarefa de análise e compreensão dos mesmos, e assim permitir a identificação de tendências e padrões gerais” da regra variável (GUY; ZILLES, 2007, p. 99). O Goldvarb X fornece o cálculo, em termos percentuais, da atuação de cada variável, seja ela dependente ou independente.

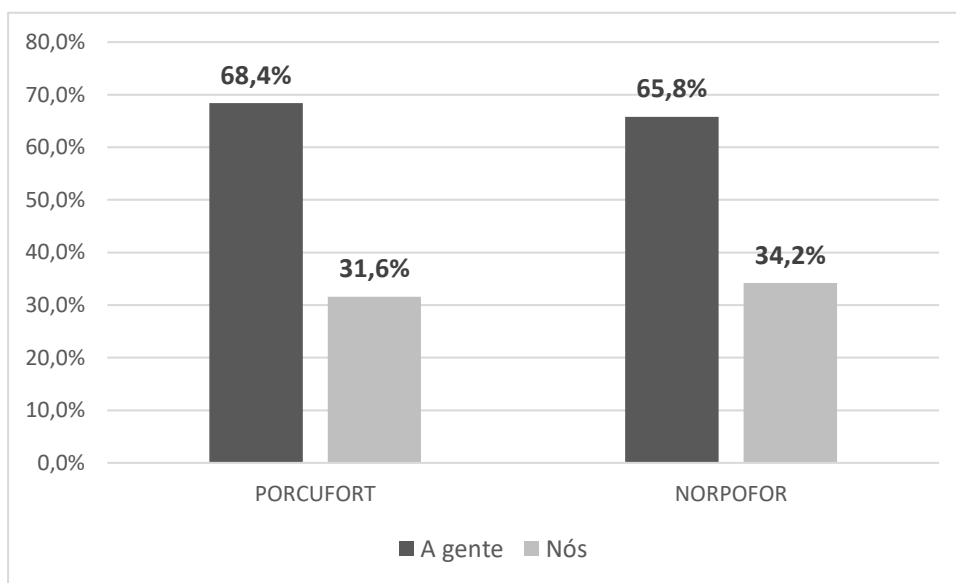
Além disso, o programa computacional seleciona os grupos de fatores mais significativos para a realização da variação linguística e apresenta a frequência de uso de cada uma das variáveis controladas, bem como os pesos relativos, os nocautes e os *singleton groups*. De acordo com Guy e Zilles (2007, p.158), “nocaute é um fator que, num dado momento da análise, corresponde a uma frequência de 0 ou 100% para um dos valores da variável dependente”. Já os *singleton groups* são aqueles grupos que possuem apenas um fator. Os pesos relativos são importantes, pois, com

eles, é possível comparar dois fatores em um grupo, e não apenas os seus valores individuais, ou seja, o mais importante é analisar a relação entre os pesos, ao comparar entre si os valores associados e medir suas diferenças, e não somente verificar os valores propriamente ditos isoladamente.

4 Descrição dos dados e análise dos resultados

Em nossa rodada inicial realizada pela ferramenta estatística, obtivemos um total de 1606 ocorrências da variação pronominal *nós* e *a gente* nas duas amostras pesquisadas, sendo 607 realizações de primeira pessoa do plural no PORCUFORT, e 999 dados obtidos no NORPOFOR. Em relação aos dados de fala culta, 415 ocorrências foram para o pronome *a gente*, somando 68,4% de todas as ocorrências, enquanto o pronome *nós* apareceu 192 vezes, totalizando 31,6% dos dados. No que diz respeito a fala popular, embora o número de ocorrências tenha sido maior que na fala culta, os termos percentuais se assemelham, demonstrando a preferência pelo pronome *a gente*, com 657 ocorrências (65,8%) e um uso menos frequente da forma canônica *nós*, com 342 ocorrências (34,2%), conforme observamos no gráfico abaixo:

Gráfico 1: Distribuição do uso de *nós* e *a gente* em nossa amostra

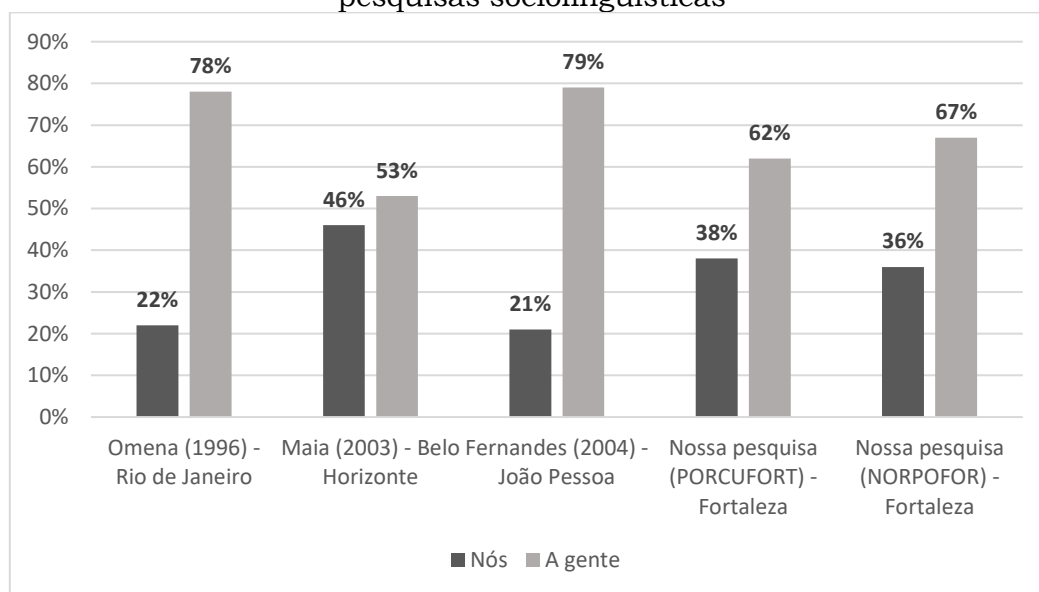


Fonte: Elaboração própria

Além do que já dissemos acerca do uso variável de *nós* e *a gente*, na amostra desta pesquisa, pontuamos que o fato de os informantes selecionados terem preferido o *a gente* ao invés do *nós*, confirma uma tendência de uso em relação a esses dois

pronomes que já vem sendo apontada por outros estudos, como os de Omena (1996), Maia (2003) e Fernandes (2004), comentados na seção da *Fundamentação teórica*. Nestas pesquisas, os resultados apontam para maior frequência de uso do pronome inovador *a gente* em detrimento do pronome padrão *nós*, conforme se observa no Gráfico 2:

Gráfico 2: Percentuais de uso das variantes *nós* e *a gente* obtidos nesta e em outras pesquisas sociolinguísticas



4.1 Resultados na amostra do PORCUFORT

Depois de realizada a rodada inicial, constatamos a presença de *nocautes* em três grupos de fatores: marca morfêmica, tempo verbal e paralelismo. Procedemos, então, a retirada dos fatores que apresentaram *nocaute* e, após averiguação, foi constatado um grupo de fatores que apresentava *singleton group*: paralelismo. Por isso, decidimos eliminá-lo da rodada, pois não traria resultados relevantes para este estudo e, conforme Guy e Zilles (2007), para se fazer uma análise eficiente, é necessário eliminar os fatores que não contribuem para a análise.

Com os dados levantados, 607 ocorrências de *nós/ a gente*, procedemos uma análise multivariada para identificar os fatores que mais favorecem o uso na forma pronominal *a gente*, em detrimento do pronome *nós*.

O programa identificou como a melhor rodada a run #29, com Input 0.748 e Significance = 0.000. Após a rodada multivariada, foram selecionados seis grupos

fatores relevantes: **preenchimento do pronome, faixa etária, sexo, referência do pronome e estrutura do verbo**. O grupo de fatores **tempo verbal** foi descartado pelo programa. A seguir detalharemos os principais fatores favoráveis para a aplicação do pronome *a gente*:

A) Preenchimento do pronome

Estudos sociolinguísticos realizados no Brasil, que levam em consideração essa variável, como o trabalho de Costa (2003), apontam que o **pronome preenchido** é cada vez mais uma característica da nossa língua. Na tendência desses trabalhos, nossos resultados revelaram uma frequência de uso maior quando o pronome é preenchido, com 77% das ocorrências de *a gente*, conforme podemos observar na tabela 1:

Tabela 1: Atuação do preenchimento do pronome sobre o pronome *a gente*

Fator	Frequência/Total	%	Peso Relativo
Pronome Preenchido	385/500	77%	0,712
Pronome Nulo	30/107	28%	0,222

Fonte: elaboração própria

O *pronome preenchido* é franco aliado da forma *a gente*, com peso relativo de 0,712. Já em contextos em que o pronome é nulo, a forma pronominal inovadora é desfavorecida, com peso relativo de 0,222. Para Guy & Zilles (2007), pesos relativos próximos a 1,00 são fortemente favoráveis à aplicação da regra em relação ao fenômeno em estudo; próximos a 0,50 são neutros, ou seja, não se pode ainda definir qual das formas ficará em uso na língua; e pesos próximos a zero desfavorecem a aplicação da regra, o que pode colaborar para a validação da hipótese da mudança no parâmetro do sujeito. Já o *pronome nulo* inibe a aplicação da regra (0,222). Isso ocorre, também, pelas poucas ocorrências da forma *a gente* em pronome nulo, apenas 30. Algumas delas:

- (3) eu acho que [*a gente*] chega rapidinho (Inq. 30 – PORCUFORT)
- (4) [*a gente*] faz assim como diz Deus (Inq. 116 – PORCUFORT)
- (5) [*a gente*] resolveu ir:: lá conhecer:... o farol (Inq. 48 – PORCUFORT)

B) Faixa etária

Assim como notaram Menon (1995, 1996, 2003) e Tamanine (2002, 2010), a **faixa etária** se mostrou relevante para a aplicação de *a gente*. Nesses estudos, nota-

se uma preferência dos mais jovens pelo uso da forma pronominal *a gente*, enquanto que os mais velhos expressam preferência pela forma canônica *nós*. Nossos resultados demonstraram um comportamento parecido na comunidade de fala por nós estudada:

Tabela 2: Atuação da faixa etária sobre o pronome *a gente*

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
22 a 35 anos	216/265	81,5%	0,666
36 a 55 anos	167/229	72,9%	0,566
A partir de 56 anos	32/113	28,3%	0,104

Fonte: elaboração própria

Como é mostrado na tabela 2, os informantes da *faixa-etária I* (22 a 35 anos) favorecem a utilização de *a gente* (0,666) em oposição a *nós*. A *faixa etária intermediária* (36 a 55 anos) chega perto da neutralidade, com peso relativo de 0,566. No entanto, os informantes com idade *acima de 50 anos* inibem fortemente a aplicação da regra (0,104), fato que parece indicar que a forma *nós* está cedendo lugar para *a gente*.

Para Silva (2012), isso se deve ao fato de a linguagem empregada pelos jovens contrastar com a linguagem dos mais velhos, ou seja, esses assumem uma forma mais inovadora, enquanto aqueles tendem a serem mais conservadores. Além disso, vale lembrar que, segundo o autor (2012, p. 456), “essa falta de conservadorismo característica da fala dos jovens costuma trazer mudanças na língua”, fato interessante se compararmos as diversas pesquisas sobre o fenômeno.

Omena (1996), por exemplo, mostra que as faixas etárias mais avançadas apresentam uma menor utilização de *a gente*, enquanto a faixa etária mais jovem revela um forte favorecimento à utilização da forma inovadora. Resultados como esse são muito frequentes em muitas outras pesquisas. Silva e Paiva (1996, p.367), ao analisar os resultados dessa variável em sua pesquisa afirmam que “o fenômeno da alternância entre as formas *nós* e *a gente* aponta efetivamente para uma variação envolvendo mudança”.

C) Sexo

A variável *sexo* mostrou-se relevante em várias pesquisas realizadas sobre a variação pronominal *nós* e *a gente*, na medida em que as mulheres tendem a utilizar mais a o pronome *nós*, enquanto que os homens favorecem a utilização da forma inovadora *a gente*, como vemos em Omena (1996), Lopes (1999), Menon (1995,

2003), Tamanine (2002, 2010), entre outros. A variável **sexo** foi a terceira selecionada como relevante para nosso estudo:

Tabela 3: Atuação do sexo sobre o pronome *a gente*

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Feminino	242/333	72,7%	0,626
Masculino	173/274	63,1%	0,468

Fonte: elaboração própria

Conforme é exposto na tabela 3 – e ao contrário do que apontaram as pesquisas citadas – em nossa amostra, as mulheres favorecem a realização de *a gente*, tanto em frequência de uso (72,7%) quanto em peso relativo (0,626). Já os informantes do sexo masculino desfavorecem levemente o uso de *a gente*, com peso relativo de 0,468.

O papel social exercido pela mulher na época em que o banco de dados foi constituído pode explicar os resultados. Para Silva e Paiva (1996), as mulheres possuem uma responsabilidade de transmitir as normas de comportamento social e, conseqüentemente, linguístico.

No entanto, é importante ponderar que, embora o resultado aponte diferenças de uso das variantes entre homens e mulheres, as frequências de uso e os pesos relativos são próximos, não havendo uma distância tão expressiva. Fato que nos leva a crer que algum outro grupo de fatores está atuando sobre essa variável. Para que isso seja comprovado, seria importante realizar o cruzamento de outras variáveis com a variável **sexo**, o que não foi possível nesta pesquisa, afim de observar o efeito dessas variáveis sobre a realização de primeira pessoa do plural.

D) Referência do Pronome

Para Silva (2004, p.24), os pronomes *nós* e *a gente* “são considerados uma das estratégias de designação referencial, podendo veicular, no desenrolar de práticas discursivas, vários referentes”. E, de acordo com Omena (2003), na década de 80, estudos indicavam que os falantes usavam mais a forma *a gente*, quando se referiam a um grande grupo, e que a forma *nós* era utilizada pelos falantes para se referir a grupos pequenos ou intermediários. Observemos os resultados da tabela 4:

Tabela 4: Atuação da referência sobre o pronome *a gente*

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Genérica	174/272	63,9%	0,628
Específica	241/335	71,9%	0,485

Fonte: elaboração própria

A quarta variável selecionada como relevante para uso do pronome *a gente* em nossa amostra foi a **referência do pronome**. A forma pronominal *a gente* é favorecida significativamente em contextos de uso genérico (0,628), ou seja, sem determinação do referente. Esses resultados confirmam a tendência pelo uso da variante *a gente* em contextos de referência genérica.

Já em relação a referência específica, o uso da forma *nós* é levemente favorecido, com peso relativo de 0,485 para a aplicação da regra. No entanto, em relação a frequência uso, percebe-se o pronome *a gente* é expressivamente mais utilizado se comparado com o pronome canônico *nós*, tanto com o referente genérico (63,9%), quanto específico (71,9%).

E) Estrutura do verbo

A última variável apontada como relevante para nossa análise foi a **estrutura do verbo**, conforme é possível observar nos resultados da tabela 5:

Tabela 5: Atuação da estrutura do verbo sobre o pronome *a gente*

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Verbo simples	327/472	69,3%	0,513
Verbo composto	88/135	65,2%	0,688

Fonte: elaboração própria

Assim como Zilles, Maya e Silva (2000), controlamos a variável estrutura verbal. Para os autores, os verbos simples favorecem a ocorrência da forma *nós*, enquanto que os verbos compostos condicionam o uso do pronome *a gente*.

Conforme é possível observar na tabela 5, confirmando os resultados obtidos por Zilles, Maya e Silva (2000), os verbos compostos favorecem o uso da forma inovadora *a gente* (0,688). Isso se dá, possivelmente, pela presença recorrente da marca morfêmica *nós* + verbos da terceira pessoa do plural nos verbos simples. Percebemos que a desinência verbal que representa a primeira pessoa do plural *-mos* condiciona o uso de *nós*. No geral, esses verbos apresentados possuem uma estrutura simples e isso influencia diretamente nos resultados aqui obtidos.

A seguir, apresentaremos os resultados que obtivemos a partir da análise de nossa amostra de fala popular, advindas do projeto NORPOFOR.

4.2 Resultados na amostra do NORPOFOR

Além de nos apontar as frequências de uso das variantes estudadas, aqui, o Goldvarb X indicou também as variáveis independentes que atuam (de modo favorável ou não) sobre o uso da forma *a gente*. Assim, com um total de 999 ocorrências de *nós/ a gente*, foram selecionados como estatisticamente pertinentes, para esta pesquisa, e nessa mesma ordem de relevância, as variáveis **Preenchimento do sujeito, Faixa etária, Tipo de verbo, Referência nós/a gente, Posição do pronome em relação ao verbo e Simetria entre os interlocutores**. Em sentido oposto, o programa descartou as **variáveis Sexo, Marca morfológica, Tempo verbal, Paralelismo e Estrutura do verbo**. Dito isto, apresentamos, na sequência, os resultados obtidos para cada uma das variáveis selecionadas.

A) Preenchimento do pronome

Assim como na amostra de fala culta, a variável **Preenchimento do pronome** foi selecionada como relevante na análise multivariada realizada pelo GoldVarbX também na amostra de fala popular, conforme é possível observar os resultados:

Tabela 6: Atuação da variável preenchimento do pronome sobre a variante *a gente*

Fator	Frequência/Total	%	Peso Relativo
Pronome preenchido	652/922	70,7%	0,586
Pronome nulo	5/77	6,5%	0,015

Fonte: elaboração própria

De acordo com os dados da Tabela 6, o fator *pronome preenchido* favorece à utilização da forma *a gente* (0,586). Por outro lado, o fator *pronome nulo* inibe quase que de forma categórica a realização de *a gente* (0,015). Acreditamos que esses resultados podem ter relação, antes de tudo, com a baixa quantidade de ocorrências de *a gente* como pronome nulo – apenas 5 – já que a maioria das elipses ocorre com o pronome *nós*.

Interessante destacar que outras pesquisas – como a de Costa (2003) que também considera a variável preenchimento do sujeito – demonstram que a frequência de uso do sujeito nulo é cada vez menor no português brasileiro, indicando mudanças no parâmetro do sujeito. No caso desta pesquisa, vemos que o *pronome preenchido* é aliado da forma *a gente* (70.7% e 0,586), o que pode colaborar para a validação da hipótese da mudança no parâmetro do sujeito (COSTA, 2003).

Resultados semelhantes ocorreram na pesquisa de Brustolin (2009), em que o *pronome preenchido* favorece o uso do pronome inovador (*a gente*), enquanto o *pronome nulo* favorece o uso da forma pronominal padrão, no caso, o *nós*.

B) Faixa etária

A segunda variável selecionada por ordem de significância foi a **Faixa etária**, assim como aconteceu com os resultados referentes a nossa amostra do PORCUFORT, conforme demonstra a tabela 7:

Tabela 7: Atuação da faixa etária sobre o pronome *a gente*

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
22 a 35 anos	191/241	79,3%	0,705
36 a 55 anos	185/321	57,6%	0,356
A partir de 56 anos	281/437	64,3%	0,488

Fonte: elaboração própria

Conforme observamos na tabela 7, os informantes mais jovens – 22 a 35 anos – são os únicos que favorecem o uso da variante *a gente* e o fazem de maneira bem expressiva, com peso relativo de 0,705. Dentre as explicações para esses resultados, destacamos, conforme Labov (2008), que os falantes mais jovens tendem a se mostrar mais sensíveis ao uso de variantes inovadoras como o *a gente*, ao contrário de falantes mais velhos, os quais tendem a usar formas mais próximas da norma padrão¹, caso do pronome *nós*.

Além disso, os resultados obtidos para a variável faixa etária confirmam a tendência no sentido de os falantes mais jovens favorecerem o uso de *a gente*, ao contrário dos mais velhos, conforme mostram estudos anteriores, a exemplo dos de Lopes (1993) e Omena (1996). Em linhas gerais, os referidos autores concordam que a variação pronominal de primeira pessoa do plural está em processo de mudança linguística, e essa substituição de *nós* por *a gente* ocorre, de forma bem mais expressiva, entre os das faixas etárias mais jovens.

C) Tipo de Verbo

A terceira variável selecionada na rodada com a amostra de fala popular foi o **Tipo de Verbo**. Essa variável se mostrou relevante também no trabalho de Tamanine (2002), que revelou uma tendência maior a utilização do pronome *nós* com verbos *dicendi* e de estado. Os resultados podem ser vistos na tabela 8:

¹ O termo ‘norma padrão’ é usado para referir o modelo de língua que impera nas gramáticas tradicionais.

Tabela 8: Atuação do tipo de verbo sobre o pronome *a gente*

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
<i>Dicendi</i>	12/13	92,3%	0,981
Epistêmico	37/50	74%	0,587
Ação	447/676	66,1%	0,516
Verbo ter	92/123	74,8%	0,512
Estado	69/137	50,4%	0,297

Fonte: elaboração própria.

Sobre a atuação da variável Tipo de verbo, os dados da Tabela 8 apontam que são, principalmente, os verbos *dicendi* que condicionam, praticamente de modo categórico, o uso da variante *a gente*. Em linhas gerais, os verbos *dicendi* referem-se ao dizer e incluem verbos como ‘dizer’, ‘falar’, ‘contar’, ‘responder’, ‘explicar’, dentre outros.

Importante pontuar que os resultados obtidos para o fator verbos *dicendi* contrariam nossas expectativas iniciais, pois, tal como mostram outros estudos acerca do *nós* e *a gente* (TAMANINE, 2002), esperávamos que esse tipo de verbo se mostrasse desfavorável a realização da forma *a gente*. Acreditamos que os resultados obtidos para a atuação dos verbos *dicendi*, nesta pesquisa, podem ter relação com a baixa ocorrência de dados – 13 ao todo – em que 92,3% dos casos foram para a variante inovadora.

Além dos verbos *dicendi*, constatamos também que os verbos do tipo epistêmico (0,587) – isto é, aqueles que representam atividade mental: pensar, saber, imaginar, conhecer, entre outros – favorecem o uso da variante *a gente*, ao contrário do fator verbo estado (0,297). No que compreende os demais tipos de verbos controlados: ação (0,516) e ter (0,512), vemos que eles atingiram pesos relativos muito próximos ao ponto neutro (0,50).

D) Referência *nós/a gente*

Outra variável eleita como relevante foi a **Referência *nós/ a gente***, que expressa as formas como os pronomes são utilizados, ou seja, se for genérico, refere-se a qualquer um ou a todos (podendo ou não incluir o “eu”); enquanto que, se for específico, diz respeito ao interlocutor ou a um grupo específico. Confira os resultados:

Tabela 9: Atuação do tipo de referente sobre o pronome *a gente*

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
----------------	---------------------	----------	----------------------

Genérica	151/195	77,4%	0,727
Específica	506/804	62,9%	0,441

Fonte: elaborada pelos autores.

Com os resultados da Tabela 9, podemos ver que o fator *referência genérica* favorece o uso da variante *a gente* (0,727), como na ocorrência (6):

(6) orando e buscando a Deus que com certeza ele vai dá um emprego pra você... mas não deixando de procurar né?... porque *a gente* não pode ficar esperando só sentado (Inq. 155 - NORPOFOR)

Em casos como os da ocorrência (6), o uso da forma *a gente* tem um referente bastante genérico, isto é, ele é usado em referência a ‘todos’. A esse respeito, concordamos com Omena (1996) quando explica que os falantes tendem a usar mais a forma *a gente*, quando se referem a um grande grupo. Por outro lado, a forma *nós* tende a ser utilizada pelos falantes para se referir a grupos pequenos ou intermediários, como na ocorrência (7):

(7) era eu e a:: L. do A. chorando com medo do M. morrer ((risos))... hoje quando *a gente* lembrou (Inq. 156 - NORPOFOR).

O dado em (7) reflete um caso de referência a um grupo mais específico e, em casos como esses, Omena (1996) explica – conforme sinalizamos no parágrafo anterior – que a tendência é de não favorecimento do *a gente*, mas sim do *nós*. Essa ideia também foi confirmada pelos dados do nosso estudo. Afinal, o peso relativo de (0,441) desfavorece o uso de *a gente* e, conseqüentemente, se revela um aliado do pronome *nós*.

E) Posição do pronome em relação ao verbo

A quarta variável selecionada na nossa rodada foi **Posição do pronome em relação ao verbo**. Assim como afirma Guimarães (2014, p. 112), “os pronomes, de modo geral, tendem a ficar antes do verbo”. No entanto, em nossa amostra, obtivemos resultados que contrariam essa ideia, conforme exposto na tabela 10:

Tabela 10: Atuação a posição do pronome em relação ao verbo sobre o pronome *a gente*

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Depois do verbo	31/35	88,6%	0,825
Antes do verbo	626/964	64,9%	0,486

Fonte: elaborada pelos autores.

Com o controle da variável Posição do pronome em relação ao verbo, procuramos observar em qual posição (antes ou depois do verbo) o pronome *a gente* é favorecido na amostra de fala desta pesquisa. Assim, com base nos dados da Tabela 10, podemos afirmar que, em posição posterior ao verbo, a variante *a gente* é favorecida de maneira bastante expressiva (0,825). Esses resultados confirmam, portanto, o que outros pesquisadores concluíram, como Santos (2010, p. 107), para o qual “quando o sujeito aparece depois do verbo, a probabilidade do falante usar a variante não-padrão em vez da padrão é bem maior”. Para exemplificar o uso de *a gente* em contexto pós-verbal, vejamos a ocorrência em (8):

(8) reação desta gripe tá deixando *a gente* MOle (D2 71).

Em sentido contrário, constatamos que, em posição anterior ao verbo (0,486), a forma *a gente* não é favorecida. Acreditamos que esses resultados têm relação com presença da concordância verbal entre o sujeito *nós* e o *verbo posterior* a ele, já que a posição do sujeito, segundo Costa (1994), é decisiva para a aplicação de concordância entre o verbo e o pronome. Nas palavras do Costa (1994, p.317), “nas estruturas em que o sujeito se encontra posposto ao verbo, detectei, mais frequentemente, a ausência da concordância”.

F) Simetria entre os interlocutores

O último grupo de fatores selecionado como relevante para a atuação da primeira pessoa do plural foi **a simetria entre os interlocutores**, conforme exposto na tabela 11:

Tabela 11: Atuação do grau de simetria entre os interlocutores sobre o pronome *a gente*

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Muito simétricos	450/634	71%	0,546
Totalmente assimétricos	34/66	51,5%	0,508
Parcialmente simétricos	142/245	57,9%	0,412
Parcialmente assimétricos	31/54	57,4%	0,385

Fonte: elaborada pelos autores.

De acordo com os dados da Tabela 11, o fator *muito simétrico* (0,546) é favorecedor, ainda que discretamente, da variante *a gente* dentro do grupo de fatores. Sobre o fator muito simétrico, é importante dizer que controlamos falantes do mesmo

sexo e da mesma faixa etária, pois acreditávamos, desde o início, que, quanto mais próximos, em termos de estratificação social, forem os informantes, maiores as chances de eles usarem a variante inovadora *a gente*, em detrimento da variante conservadora *nós*.

Compreendemos que essa ideia pode ser justificada pelo fato de os falantes se sentirem igualmente relevantes na conversa, por possuírem traços sociais em comum. Com isso, os informantes tendem a sentir uma maior liberdade na expressão, sem preocupação com o policiamento de suas falas, ou em parecer superior ao outro, fazendo, portanto, com que a possibilidade de utilização da variante inovadora seja maior.

Em contrapartida, os dados da Tabela 11 também revelam que os falantes parcialmente simétricos (0,412) – mesma faixa etária e sexos diferentes – e os falantes parcialmente assimétricos (0,385) – idades diferentes e mesmo sexo – desfavorecem o uso da variante *a gente* e priorizam o uso do *nós*. Como possíveis explicações para esses resultados, acreditamos que as diferenças, sejam elas de sexo ou de idade, geram algum tipo de monitoramento por parte do informante em relação ao seu comportamento linguístico. Assim, é compreensível que eles prefiram fazer uso de formas linguísticas que estão há mais tempo na língua. Por último, vemos que o fator totalmente assimétrico (0,508) – faixa etária e sexos diferentes – se comportou, praticamente, de forma neutra diante da realização da variante *a gente*, na amostra desta pesquisa.

4 Considerações Finais

A presença do uso alternado de *nós/a gente* no falar popular e culto de determinadas regiões é frequente e foco de muitas pesquisas no campo da sociolinguística laboviana. Diversas dessas pesquisas, no Brasil inteiro, procuraram respostas sobre os condicionantes de cada uma das variantes e como é feita a sua atuação em diversos contextos de fala, como a fala popular, por exemplo.

A partir da análise das ocorrências realizadas com auxílio da ferramenta estatística, obtivemos dados importantes sobre a natureza social presente na linguagem do dia a dia e que atuam diretamente sobre fenômenos linguísticos focos de estudos sociolinguísticos, como a variação *nós* e *a gente*.

Um dado curioso que encontramos com as análises quantitativas realizadas através da ferramenta estatística GoldVarb X é o fato de que, mesmo o pronome *a*

gente não estando presente nas gramáticas normativas, os mais escolarizados favorecem seu uso. Normalmente, espera-se que, quanto mais escolarizado seja um informante, mais próximo da variedade padrão seja a fala que ele normalmente usa. Desta maneira, podemos dizer que o pronome *a gente* não carrega um estigma social, como ocorre com outros fenômenos linguísticos, como a concordância verbal de primeira pessoa do plural, por exemplo, já que esse pronome é expressamente mais utilizado pelos falantes cultos.

No entanto, é necessário que outros estudos sobre o fenômeno ainda sejam desenvolvidos, para comparar os dados com os obtidos nessa pesquisa e observar a atuação de *a gente* em ambientes mais específicos, como uma análise em tempo real do fenômeno aqui estudado. Uma análise em tempo real nos traria respostas importantes sobre o comportamento desses pronomes dentro da comunidade de fala de Fortaleza, como por exemplo, constatar se o fenômeno se encontra em uma variação estável ou se apresenta indícios de mudança. Por isso, espera-se que outras pesquisas venham complementar esse estudo.

Referências

ARAÚJO, A. A de. O Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza - NORPOFOR. In: XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 2011, Rio de Janeiro. Cadernos do CNLF (CiFEFil), *Anais...* 2011. v. XV. p. 835-845. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/72.pdf. Acesso em: 03 maio 2019.

ARAUJO, M. A. M de. *Será que a gente uso mais o nós?* Uma fotografia sociolinguística do falar popular de Fortaleza. 2016. 148 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016.

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37^a. ed. rev. e amp. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BROWN, R.; GILMAN, A. The Pronouns of Power and Solidarity. In: SEBEEK, T. A. (ed.) *Style in Language*. Cambridge: Masschusetts, MIT Press, p. 253-281, 1960. Disponível em: <<http://www.mapageweb.umontreal.ca/tuitekj/cours/2611pdf/Brown-Gilman-Pronouns.pdf>>. Acesso em: 01 jan. 2019.

BRUSTOLIN, A. K. B. da S. *Itinerário do uso e variação de nós e a gente em textos escritos e orais de alunos do Ensino Fundamental da Rede Pública de Florianópolis*. 2009. 232 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <http://portal.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/06_12_2011_8.51.30.0de6e1327480756207fdb0afaa87a66f.pdf>. Acesso em: 04 janeiro 2018.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 46 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

CHOMSKY, N. *Syntactic Structures*. The Hague: Mouton, 1957

COSTA, M. A. As definições de sujeito e seus traços de caracterizadores. O traço de concordância. *Anais do I Encontro Nacional sobre Língua Falada e Ensino*. Universidade Federal de Alagoas. Coordenação do mestrado em Letras – Maceió: EDUFAL, p. 315-320, 1994.

COSTA, C. *Fonologia Lexical e controvérsia neogramática: análise das regras de monotongação de /ow/ e vocalização de /l/ no Português Brasileiro*. 2003. 142f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/1735/000356302.pdf?sequence=1>. Acesso em: 25 julho 2021.

ECKERT, P.; MCCONNELL-GINET, S. *Language and Gender*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

- FERNANDES, E. A. Fenômeno variável: nós e a gente. In: *Estudos Sociolinguísticos: perfil de uma comunidade*. Dermeval da Hora (Org.) João Pessoa, 2004, p. 149-156.
- GUIMARÃES, T.A.A.S. *Tu é doido, macho: A variação das formas de tratamento no falar de Fortaleza*. 2014. 237 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Centro de Humanidade, Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2014.
- GUY, G. R; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007
- JUNIOR, S. N. S; OLIVEIRA, F. A. L. *Abordagem conversacional do rotacismo*. Web-Revista SOCIODIALETO, v.5, n.14, 2014.
- LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria M. P. Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LOPES, C. R. dos S. *A inserção de a gente no quadro pronominal do português: percurso histórico*. 1999. 181 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/laborhistorico/producao/Lopestese.pdf>>. Acesso em: 04 janeiro 2019.
- MAIA, F. P. S. M. *A variação nós e a gente no quadro pronominal do português: percurso histórico*. 2003. 144 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.
- MENON, O. P. A gente, eu, nós: sintomas de uma mudança em curso no português do Brasil? *Anais do ELFE*. Maceió: UFAL: 1995, p. 397-403.
- MENON, O. P. da S. 'A gente': um processo de gramaticalização. In: *Estudos Lingüísticos*, XXV. Taubaté, n. 25, 1996, p. 622-628.
- MENON, O. P. da S. et al. Alternância nós/ a gente nos quadrinhos: análise em tempo real. In: RONCARATI, C. N.; ABRAÇADO, J. (Orgs.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2003.
- MOLLICA, M. C; M. BRAGA. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004.
- NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora da UNESP, 2000.
- OMENA, N. P. de. A referência à primeira pessoa do plural. In: SILVA, G. M. de O.; SCHERRE, M. M. P. (Orgs.). *Padrões Sociolinguísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 185-215.
- OMENA, N. P. de; BRAGA, M. L. A gente está se gramaticalizando? In.: Macedo, A. T.; Roncarati, C.; Mollica, M. C. (Orgs.). *Variação e discurso*. Rio de Janeiro, 1996, p. 75-83.
- PERINI, M. A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010
- SAUSSURE, F. de. *Curso de Lingüística Geral*. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein. 25.ed. São Paulo: Cultrix, 1999.
- SEARA, I. C. A variação do sujeito nós e a gente na fala florianopolitana. *Organon*, v.14, n.28 e 29, Porto Alegre, 2000, p.179-194.

SILVA, G.M. e PAIVA, M.C.A. A visão de conjunto das variáveis sociais. In: OLIVEIRA e SILVA, G.M. e SCHERRE, M.M.P.(Org.) *Padrões Sociolinguísticos*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1996.

SILVA, I. da. *De quem nós/ a gente está (mos) falando agora?*: uma investigação sincrônica da variação entre nós e a gente como estratégias de designação referencial. 2004. Dissertação (Mestrado em linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004. Disponível em:<<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/87528/208785.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 22 out. 2021.

SILVA, J. S da. *Formações linguísticas do sujeito*: as fronteiras entre a Linguagem formal e a Linguagem informal Revista Eventos Pedagógicos. v.3, n.1, Número Especial, p. 455 – 466, Abr. 2012

TAMANINE, A. *A alternância nós/ a gente no interior de Santa Catarina*. 2002. 132 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002. Disponível em:<<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/24549/D%20-%20TAMANINE,%20ANDREA%20MARISTELA%20BAUER.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 04 janeiro 2018.

TAMANINE, A. *Curitiba da gente*: um estudo sobre a variação pronominal nós/a gente e a gramaticalização de a gente na cidade de Curitiba. 2010. 222 p. Tese (Doutorado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010. Disponível em:<<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/24120/TeseAndreaTamanine.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 04 janeiro 2018.

TAVARES. N. K. T. *A variação pronominal nós e a gente nos telejornais nacionais da Rede Globo*. 2014. 131 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em linguística, Universidade Federal do Paraná, UFPN. Curitiba, 2014. Disponível em:<<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/37024/R%20-%20D%20-%20NILCEU%20ROMI%20KERECZ%20TAVARES.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 04 janeiro 2018.

VIANNA, J. B. de S. *A concordância de nós e a gente em estruturas predicativas na fala e na escrita carioca*. 2006. 130f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em:<<http://www.letras.ufrj.br/posverna/mestrado/ViannaJBS.pdf>>. Acesso em: 04 janeiro 2018.

WEINREICH, U. LABOV, W. HERZOG, M.I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. (1968) Tradução: Marcos Bagno. Revisão Técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

ZILLES, A. M. S. The development of a new pronoun: the linguistic and social embedding of a gente in Brazilian Portuguese. *Language Variation and Change*, v. 17, n. 1, 2005. p. 19-53.

ZILLES, A. M; MAYA, L. Z; SILVA, K. Q. A concordância verbal com a primeira pessoa do plural em Panambi e Porto Alegre, RS. *Organon*, 14, n. 28-29, p. 195-219, 2000.

The first person plural in cultured and popular speech in Fortaleza-CE: a variationist analysis

Revista Falange Miúda

ISSN 2525-5169

Periodicity:

Fluxo contínuo

Volume 6

Number 1

Abstract:

The present study, based on the theoretical and methodological framework used by the Theory of Linguistic Variation and Change, outlined by Weinreich, Labov and Herzog (1968) and by Labov (1997, 2001, 2003), aims to analyze the first-person pronominal variation plural, *nós* and *a gente*, in popular speech and in cultured speech in city of Fortaleza-CE. For this purpose, we used a sample composed of 18 informants from the database called Norma Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR), stratified according to sex/gender, age group and education level; and another 18 informants from the Projeto Português Oral Culto de Fortaleza (PORCUFORT), who were socially stratified according to sex/gender and age group. With the help of the computer program GoldVarb X, we analyzed 999 occurrences of *nós* and *a gente* in popular speech; and 275 occurrences of these variants in the cultured speech of the people of Fortaleza. With this total, we found out that the variant *a gente* is used more frequently than the standard form *nós*, both in popular speech (66% and 34%, respectively) and in cultured speech (57% and 43%). In addition, we realized that the most relevant factors that condition the use of the non-standard variant in our sample were the *pronoun reference* (generic sense) and *degree of symmetry between the informants* (same age group and same sex).

Keyword:

Variation: Pronouns *nós/a gente*: Popular Norm: Cult Norm.